

O LITERÁRIO E SEUS SENTIDOS EM MEIO DIGITAL: UMA PROPOSTA INTERMIDIÁTICA DE LEITURA

THE LITERARY AND ITS SENSES IN DIGITAL MEDIA: A HYPERMEDIATIC PROPOSAL FOR READING

Valéria Rocha Aveiro do Carmo¹

Resumo: Este estudo pretende refletir sobre os efeitos de sentido, senso estético e capacidades leitoras a partir da recepção dos contos de fada “À procura de um reflexo”, do livro Doze reis e a moça do labirinto do vento (1978) de Marina Colasanti, e “O aniversário da infanta”, da obra The happy prince and other fairy tales (1888), de Oscar Wilde. A linguagem literária será oferecida a seis turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, por meio de diferentes suportes, incluindo a ferramenta digital discutida neste artigo. O que se aspira é apreender o impacto da compreensão e gosto pelo texto literário, por estudantes, no contexto da modernidade líquida, ao alocar as histórias em um suporte que favoreça a integração entre linguagens. O material a ser utilizado foi organizado no *sway*, ferramenta do *Office* para apresentações *online* que, além de acessível aos professores em geral, possui capacidades interativas e hipermediáticas.

Palavras-chave: Suporte digital; leitura; intermídia.

Abstract: This study intends to reflect about the effects of sense, aesthetic sense and reading skills from the reception of the fairy tales “Looking for a reflection”, from the book “Doze reis e a moça do labirinto do vento (1978) by Marina Colasanti, and “The birthday of the Infanta”, from Oscar Wilde's The Happy Prince and Other Fairy Tales (1888). The literary language will be offered to six classes of elementary school, through different supports, including the digital tool discussed in this article. What we aspire to is to apprehend the impact of understanding and taste for literary text, by students, in the context of liquid modernity, when allocating stories in a support that favors the integration between languages. The material to be used was organized on the *sway*, an office tool for online presentations that, beyond to being accessible to teachers in general, has interactive and hypermedia capabilities.

Keywords: Digital support; reading; intermediate.

As mídias são como corpos que extraem suas vidas das linguagens que correm por suas veias.
(SANTABELLA, 2018)

A força humanizadora da narrativa é algo indiscutível. Desde os primórdios, o homem, ao se deparar com a potência do universo ficcional, tende a revisitar seus anseios, medos, conceitos ou preconceitos, sob novas óticas, atingindo, desta forma, possibilidades outras do viver, favorecendo o reinventar-se. Desde as pinturas rupestres nas cavernas até as telas dos meios multimídia, a busca por efabular, visando a mover a expressão ou entrar em contato com os enredos criados por outros, impregnando-os de sentidos, tem sido um dos atos mais característicos dos seres humanos.

É a partir de duas narrativas atemporais que este estudo tem por objetivo apresentar e discutir a organização de material didático² em que foi explorada uma arquitetura vazada, com

¹ Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

² O livro “Espelhos esfacelados” está disponível em <https://sway.office.com/ZXMsXNcgQGVkPCj4?ref=Link>.

utilização crossmidiática desses dois contos que, através do uso do *sway*, ferramenta do *Office* para exposições *online*, ganharam apresentação hipermidiática com capacidades interativas.

A proposta advém da tese em curso “Espelhos esfacelados e a questão da recepção dos contos de fada na pós-modernidade”, orientada pelo Prof. Dr. Ezequiel Teodoro da Silva, na Universidade Estadual de Campinas. A pesquisa pretende estudar os efeitos de sentido, senso estético e capacidades de leitura a partir da recepção dos contos de fada “À procura de um reflexo”, do livro Doze reis e a moça do labirinto do vento (1978) de Marina Colasanti, e “O aniversário da infanta”, da obra The happy prince and other fairy tales (1888), de Oscar Wilde, em versão traduzida para língua portuguesa.

Ocorre que a linguagem literária será explorada com seis turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, sendo utilizadas, em duas delas, cópias impressas dos textos; em outras duas, os livros em formato tradicional e, nas duas últimas, a ferramenta digital discutida neste artigo. O que se almeja é, através da aplicação dessas estratégias diversificadas, poder analisar o impacto positivo, ou não, da compreensão e gosto pelo texto literário, por estudantes contemporâneos, ao se colocar os contos em um meio que favoreça a integração entre a linguagem literária e outras, com recursos interativos, visuais e de áudio integrados.

A proposição

Considerando a perenidade dos contos de fadas e a magistral escrita dos autores escolhidos para os textos fonte desta pesquisa, entende-se que explorar as histórias em sua integralidade será fundamental no trabalho de aproximação dos pré-adolescentes à boa linguagem literária. Portanto, ainda que o uso dos três tipos de suportes que serão propostos aos alunos possa causar diferentes formas de aproximação, gosto e compreensão, os textos, em suas profundidades e belezas, correrão pelas veias dos artefatos que os sustentarão.

Segundo SANTAELLA (2018), o termo crossmídia pode ser empregado quando “as mídias se cruzam e, nesse cruzamento, um mesmo conteúdo passa de uma mídia a outra”. Os contos desta proposta migraram integral e puramente dos livros impressos para o digital e nele ganharam novas formas de acesso que causam efeitos de sentido diferentes, alterando a percepção do leitor.

A revolução do texto eletrônico será, ela também, uma revolução da leitura. Ler num monitor não é o mesmo que ler num código. Se é verdade que abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição destes: à materialidade do livro, ela substitui a imaterialidade de textos sem lugar próprio; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso, ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à apreensão imediata da totalidade da obra, viabilizada pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de muito longo curso, por arquipélagos textuais sem beira nem limites (CHARTIER, 1994, p. 190).

As revoluções nos modos de ler por que a humanidade tem passado são frutos das grandes mudanças sociais que ocorreram na história e retroalimentaram esses processos. No caso da marcante prensa de Gutemberg, no século XV, a revolução teve caráter técnico, favoreceu a disseminação da leitura no Ocidente. Contudo a revolução que se dá na sociedade atual modifica estruturalmente os modos de ler. Não se trata apenas de formas de apresentação, o livro eletrônico modifica o hábito, a materialidade do texto, a circulação e as formas de interação e entendimento dos textos.

Interessante pensar o fenômeno *Lesewut* que tomou conta da Alemanha no século XVIII. Com a expansão do acesso aos livros, por meio da imprensa, a sociedade foi acometida por uma

espécie de paixão pela leitura que fazia as pessoas consumirem mais e mais obras, o que ocasionava distanciamento da obediência às instituições que monopolizavam o poder, na mesma proporção em que letrava o povo. Atualmente, com a disseminação da leitura por meio eletrônico e a questão do acesso pleno às obras, talvez haja uma sobrecarga de informação que parece gerar efeito inverso, uma vez que o leitor extensivo passa a não mais ser um consumidor voraz da leitura estática, livresca.

Agora, a velocidade dos tempos e as novas formas de leitura no universo da internet trazem a voracidade do consumo desenfreado da leitura em modo interativo, entrecortada por outras e diversas linguagens. A palavra estática no papel, sacralizada nas estantes se desdobra em muitos outros atrativos.

A questão da recepção da linguagem literária, tão aberta à diversidade de sentidos, sofre mudanças consistentes entre o código e o eletrônico. Enquanto, no primeiro caso, não há espaço aparente para a interação, ficando leitor e autor, teoricamente distanciados, cada qual em seu contexto de produção; no segundo, os dois interagem de modo explícito, através das ferramentas e modos de intervenção do leitor no livro, que pode até reescrivê-lo.

De modo a verificar as possibilidades de atribuição de sentidos pelo leitor aos mesmos contos, foi desenvolvido livro digital através da ferramenta *sway*. A referida ferramenta é um programa de apresentação que faz parte do pacote de *Office* da *Microsoft*. Desde 2015, tem oferecido aos usuários a possibilidade de construir algo dinâmico, adicionando conteúdos de várias fontes, incluindo vídeos do *YouTube*, áudios do *Mixcloud* e até redes sociais. Ao adicionar recursos multissemióticos aos contos, organizados nas telas do *sway*, a leitura ganha novas possibilidades interpretativas que poderão contribuir para a compreensão dos alunos que serão atuantes no processo.

O fato de os alunos não precisarem seguir um caminho linear de leitura sugere a estratégia adotada pela literatura ergódica, que, segundo Espen J. Aarseth (2006), é uma forma de criação à moda das práticas literárias da era digital. Segundo o teórico, são cibertextos aqueles que alocados no computador reconhecem as implicações do meio no qual se encontram, alterando a atuação do leitor para um modo ainda mais integrado do que os teóricos da recepção diriam, acrescentando-se ao procedimento de integração leitor – texto - autor um sentido extranuemático.

O universo digital proporciona ao leitor a possibilidade de ir além dos processos interpretativos, passando a ter outras funções pela oportunidade de se tornar um utilizador dos textos. Segundo ARSETH (2006, p. 147-148):

Numa narrativa, o discurso consiste no plano dos acontecimentos, e também o que chamo o plano de progressão, que é o desenrolar dos acontecimentos tais como são recebidos por um leitor implícito. Aqui, estes dois planos são idênticos porque a progressão do leitor segue a linha dos acontecimentos. Num texto ergódico exploratório como o hipertexto, o plano de progressão está divorciado do plano dos acontecimentos, visto que o leitor tem que explorar ativa e consequentemente para que o plano dos acontecimentos faça sentido. Nos jogos de aventura, a relação entre acontecimentos e progressão é definida por um terceiro plano do discurso: um plano de negociação, em que o intrigário defronta a intriga para atingir um desenrolar desejável dos acontecimentos.

Partindo dos preceitos da teoria da recepção, em que o leitor perde a sua posição passiva diante do texto para ganhar o *status* daquele que atribui significações aos espaços deixados pelo autor, chega-se a outro patamar quando da intenção de fornecer ao leitor possibilidades mecânicas de atuação, pois ele escolhe caminhos para a narrativa, decide desfechos, aciona *hiperlinks* para conhecer mais sobre determinados personagens ou vocabulários.

A decisão de organizar um material digital para alocar os contos advém da ideia central da tese em curso de testar até que ponto a mudança do suporte com suas propiciações peculiares pode fazer com que esse leitor de apenas 10 ou 11 anos de idade, da chamada geração z, parte integrante da modernidade líquida, com toda sua fluidez, inconstância e rapidez, aproxime-se da literatura e seja capaz de atribuir-lhe sentidos, sem que haja perda na qualidade da escolha dos textos, nem mesmo um abreviar de suas extensões.

A literatura proposta por Oscar Wilde, em plena era Vitoriana, possui características diversas do que se poderia propor para os alunos atuais. Entende-se que o estilo do dândi, tão dedicado à beleza e ao senso estético está longe de ser rápido ou comercial. A cada descrição o autor perde em rapidez na ação e ganha em senso estético, configurando o estilo voltado à beleza da arte pela arte. No conto “O aniversário da Infanta” o elemento mágico está presente nas flores falantes e em toda a ambientação, porém a inocência do protagonista vivido pela figura do Anãozinho constrói-se em oposição à figura da cruel Infanta, menina mimada que consegue destruí-lo ao quebrar seu coração. Wilde trabalha as antíteses entre riqueza e pobreza, beleza e feiura, inocência e maldade de modo que a criança que consiga penetrar no texto, vencendo a barreira da linguagem poderá descobrir sentidos muito contundentes e transformadores de cunho existencial e social.

O estilo de Marina Colasanti, já contemporâneo, é expresso em “À procura de um reflexo” revelando fortes rupturas com os contos clássicos. Os heróis ou fadas são desconstruídos e a própria personagem terá de ir atrás da constituição de sua identidade. Essa problemática pós-moderna subjaz ao enredo em que a moça, ao olhar-se no espelho para fazer suas tranças, não enxerga seu rosto e sai em busca dele, olhando nas águas do riacho, tal qual Narciso o fizera, mas ainda não se encontra, tendo que acessar a caverna, onde reina a Dama dos Espelhos, a menina enfrenta o desconhecido e vence o medo para encontrar-se.

Ainda que a linguagem do segundo conto se aproxime mais do leitor nativo digital, criar pontes para que a compreensão avance da estrutura de superfície em direção à temática geradora do conto é um desafio para qualquer professor que esteja mediando o processo de leitura das crianças.

Em ambos os casos, portanto, aproximar o aluno da literatura de modo convencional, através da palavra impressa no papel ou por meio do códex, com estratégias mais convencionais parece não favorecer o adentrar da criança aos textos, sendo necessário que o adulto leia para elas e, intervenha, acionando várias estratégias de leitura visando a que tenham entendimento, ainda que condicionado pelas perspectivas de leitura do mediador.

A aposta desta pesquisa é que, ao desenvolver material próprio, dentro do universo digital, esses contos assumam novas características, sem perderem a essência e nem a qualidade da linguagem, passando a assumir as propiciações do contexto que o meio oferece e, assim, a leitura das crianças poderá ganhar em qualidade de atribuição de sentidos, além de autonomia.

A organização do material digital

A ideia de construção do material digital reunindo os contos de Wilde e Colasanti em uma obra intitulada “Espelhos esfacelados” foi consolidado em arquitetura vazada, ou seja, nos espaços e possibilidades do *sway*, ferramenta do *Office* para apresentações *online* com emprego crossmidiático dos conteúdos, os quais ganharam em capacidades interativas.

Em formato de livro digital, ainda que o *sway* permita rolar o texto para baixo, no material desenvolvido, optou-se pelo formato lembrando a estrutura do códex, trocando a página para a lateral para fazer-se mais próximo dos hábitos de leitura da atualidade. Constitui-se uma ideia básica de colagem dos contos completos, para não se perder nada da qualidade, porém com

inserções de materiais, como vídeos ou verbetes, que esclarecessem alguns termos que pudessem ser desconhecidos pelos pequenos leitores do 6º ano.

No caso das palavras possivelmente desconhecidas para uma criança na faixa etária do público-alvo, algumas são remetidas a uma imagem que explice concretamente um significado, em outros casos, o hiperlink direciona ao verbete de dicionários *online*.

O preceito adotado de abordar os contos a partir de um título que os colocasse em diálogo: “Espelhos esfacelados” promove uma proposta intertextual de leitura dos contos, bem como amplia o universo de significações convergentes ao se constituir imagens próprias para o material, feitas e/ou selecionadas pela mesma equipe (ilustrador, técnica em informática e a pesquisadora-organizadora) para os dois textos unidos nessa arquitetônica vazada.

Segundo ROJO e MELO (2018):

A arquitetônica designa o ponto de articulação entre a totalidade interna e as avaliações axiológicas (valores éticos, estéticos, morais) que constroem um objeto situado histórica, social e ideologicamente, atribuindo-lhe sentido. Neste aspecto, entendemos que a entoação valorativa é o elemento que melhor evidencia a arquitetônica.

O círculo russo discute a questão da arquitetônica dos textos levando em consideração a unidade que constitui a obra literária, seu todo interno, ainda que essa estrutura se relacione diretamente a uma realidade externa ao texto, que passa do mundo à obra por meio de seu autor-criador. Posteriormente, ao ser lida, essa mesma obra, que foi planejada para gerar efeitos de sentido, afeta diretamente um leitor-contemplador que pertence a outra realidade cronotópica e preenche os espaços deixados nos textos com suas avaliações axiológicas.

Nesta pesquisa, considerada a posição espaço-temporal dos alunos dos sextos anos de duas escolas na cidade de Mauá, em São Paulo, serão registradas possibilidades interpretativas dessas crianças em diálogo com os contos de Wilde e Colasanti, destacando-se não só as relações cabíveis entre *ethos* tão distintos para as crianças do século XXI, mas, sobretudo, o que muda quando o canal para veicular tais textos passa a ser em uma arquitetônica no meio digital.

A condição de produção dos contos originais é deslocada, reorganizada em um novo espaço, o da ferramenta *sway* que é semelhante a um *power point*, porém, estando localizado dentro da conta do usuário na *Microsoft, Hotmail* ou *Outlook*, torna possível uma maior dinâmica, disponível *online*.

A arquitetura vazada bastante intuitiva oferece formas de inserir textos, imagens e vídeos, podendo personalizar o *design* como o criador preferir. Não se gasta, mesmo assim, muito tempo com a formatação, uma vez que o suporte apresenta algumas predefinições.

Ao criar um novo *sway* se pode escolher um layout que dará o tom para o chamado enredo da apresentação. A partir disto, inicia-se a inserção dos conteúdos selecionados para os cartões, arrastando-os até a caixa selecionada no cartão ou inserindo de alguma fonte como o dispositivo próprio de seu computador, *onedrive, youtube* entre outros.

No movimento de criação do *sway* “Espelhos esfacelados” solicitou-se apoio da Professora Coordenadora de Tecnologia³ para pensar os enredos, além da disposição dos elementos nos cartões que, quando em forma de reprodução são rolados para a lateral, ou trocados usando as setas para direita. Foram construídas telas de *sway* com conteúdo de alguns verbetes personalizados que pudessem ser acionados a partir de *hiperlinks* disponíveis nas telas dos cartões.

A função do ilustrador⁴ também se torna de suma importância, visto que a leitura realizada dos contos toma sentidos ampliados quando dessa produção de imagens e conteúdos.

³ Juliana Moleiro – Diretoria de Ensino de Mauá.

⁴ Marcos Roberto Moreira – Professor de Língua Portuguesa na Prefeitura de São Paulo.

Dada a concepção de arquitetônica proposta pelo círculo russo como “unidade construtiva da obra” (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, [1928]2012, p. 92), entende-se que, após organizada toda a sequência de enunciados, discursos e textos, sejam eles imagéticos, verbais ou híbridos, estáticos ou dinâmicos, a seleção e criação de conteúdos constitui um objeto digital com mais sentidos do que os contos em seus suportes de origem poderiam oferecer, visto o filtro pelas leituras dos organizadores do livro.

O modo de reprodução favorece o olhar exotópico, a partir de vários elementos internos constitutivos: enredo, formas, linguagens e as semioses ali postas. Com o uso de outras linguagens além da verbal na construção do objeto digital, as relações de interdiscursividade ficam marcadas entre os dois contos fontes e também se estabelecem elos entre os textos e as abas que poderão ser abertas por escolha dos alunos leitores.

Pensando em se levar os sentidos também presentes nos contextos de produção para os leitores colocarem em jogo através de seus processos de recepção, juntamente com todos os recursos intersemióticos já abordados, optou-se por lançar vídeos e conteúdo informativos sobre os autores dos contos e seus contextos de produção, bem como breve carta de abertura que revela o contexto de organização da obra digital, feita especificamente com intuito de aplicar às turmas de 6º ano e refletir sobre as possibilidades de compreensão e aproximação dos nativos digitais em relação aos textos literários.

As valorações presentes tanto nas escolhas para organização do material quanto pertencentes aos próprios contos, que discutem aspectos de aparência e essência dos seres humanos, são abrigadas na arquitetônica digital, agregando sentidos que deverão favorecer o significado dos contos pelos alunos, consolidando um objeto único, que pode ser entendido como um livro digital com proposta multissemiótica, a serviço da pluralidade do tempo de seus leitores.

Todos os movimentos feitos são criadores de uma estética possibilitada pela ferramenta e, ao final dos comandos organizacionais, o produto gerado para leitura poderá ser compartilhado em redes sociais, *blog* ou *site* para que se faça o acesso. No caso desta pesquisa, pretende-se organizar um *blog*, ambiente propício para se lançar, posteriormente, conteúdos de registro da aplicação da pesquisa bem como dados de finalização e, principalmente, espaço próprio para a interação entre os alunos das turmas que participarão do processo manipulando o objeto digital. Neste sentido, a ferramenta servirá ao propósito de partilhar entendimentos e percepções para gerar ainda mais sentidos aos alunos-participantes, que poderão se tornar fisicamente ativos em suas leituras, deixando registros significativos para a análise da pesquisadora.

O movimento de encaixe das arquitetônicas, que fornecerão aos alunos caminhos diversos a serem explorados, em ordens a serem programadas pelas crianças em processo de recepção, podendo inclusive escolher intercalar as leituras com buscas condicionadas pelas telas linkadas no *sway*, buscas externas, e conversa com outros leitores, fornece uma dinâmica muito contemporânea que, tem-se como hipótese, irá favorecer o gosto pelos textos, bem como a compreensão do que se encontra nas estruturas de superfície dos enredos e para além delas.

Pedagogia dos multiletramentos – o digital e a escola

Ainda que os modos atuais de viver correspondam à mentalidade 3.0, essa mesma atitude plural, ubíqua e contextual não tem se manifestado nos métodos de ensino na escola. Explorar o pensamento complexo como base para uma educação que ultrapasse o uso instrumental das tecnologias a fim de considerar seu potencial comunicativo e de interação é um desafio constante. Por isso, é coerente adotar os multiletramentos, com suas formas atuais de materialização envolvendo as capacidades tecnológicas.

Ou seja, já chamávamos a atenção para o fato de que é preciso levar em conta a multissemiose ou a multiplicidade de modos de significar que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato de leitura: já não basta mais a leitura/produção do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, intercalam ou impregnam; esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos) (ROJO; BARBOSA, 2014, p. 10).

Alocar textos literários no ambiente digital sem repensar suas formas de apresentação para que correspondam às características desse meio não irá surtir o efeito desejado. A potencialidade do suporte precisa ser explorada, pois, caso o texto seja colocado de forma plana na tela, da mesma forma que está chapado na página impressa, ele não atrairá os leitores. Entende-se que, para que o trabalho pedagógico seja produtivo, é necessário que os hipertextos se desenvolvam e que haja imagens e sons associados à palavra. Desta maneira, o texto literário ganhará ainda mais abertura e pluralidade de sentidos, atraindo os jovens leitores.

Não se pode esquecer que literatura é arte e, por tal razão, deve ser explorada no ambiente escolar como um objeto estético, digno de apreciação e não lida à moda de um texto informativo, associado sempre a questionamentos que remetem à estrutura de superfície. O forte elemento didatizante toma conta da ação do professor o qual equivocadamente tenta ensinar a ler sem ler, sem saborear a linguagem, sem fazer a interação entre o signo verbal e as demais semioses. Perde-se qualquer chance de que o aluno se torne amante do que leu.

A ciberliteratura ou, como no caso desta pesquisa, o uso de textos literários pregressos em multimídia exige essa percepção do mundo narrado bem como das potencialidades interativas e sensórias da ambiência a fim buscar o explorar as capacidades do texto em suas possíveis alinearidades, e conexões com outras artes, outras linguagens, outros saberes. É, sobretudo, a dinâmica de apresentação do texto semelhante à do pensamento complexo que pode favorecer a aproximação e a compreensão por parte do menino nativo digital.

Pensando sobre o hábito do *zapping*, tão característico dos usuários das tecnologias de comunicação, pode-se perceber que o indivíduo que não possui mais o hábito de se fixar em algo estático poderá reconhecer-se com mais eficácia se a literatura puder ganhar em movimento e diversidade de formas de acesso.

A necessidade de se deslocar a pedagogia da letra para a dos multiletramentos foi discutida pela primeira vez pelo conhecido grupo de pesquisadores de Nova Londres, cujo manifesto *A pedagogy of multiliteracies – designing social futures* traz à tona o ideário de uma escola que corresponda a um mundo globalizado, no qual os hibridismos culturais sobrepujam os purismos e em que as novas tecnologias da informação e comunicação ditam o tom das interações sociais.

Nesse sentido a pedagogia deve se reinventar através de atividades significativas que levem em consideração o que os aprendizes possuem como histórico de vida e práticas de leitura. Os mestres, como especialistas sobre um determinado objeto de conhecimento, precisam orientar os alunos no processo de aproximação deles em relação aos tais objetos, até que consigam arquitetar suas aprendizagens.

No caso da leitura, o movimento de mediação não pode interromper nem limitar as possibilidades de atribuição espontânea de sentidos aos textos; pelo contrário, os professores devem se preocupar com o oferecimento de repertório e fornecimento de recursos, em formatos de aula que favoreçam a autonomia dos alunos. Também devem servir como mentores e *designers* de seus processos de aprendizagem, recrutando as experiências de vida que os educandos possuem em suas comunidades para não haver conflitos culturais manifestados em sala de aula, mas sim um

movimento dialógico em relação à juventude. A sala de aula passa a ser a arena em que as diferenças são colocadas em jogo para se construir ideias inovadoras e não um lugar de conflitos.

As sociedades da atualidade não podem mais se pautar em visões dicotômicas visto que o hibridismo cultural é predominante em suas constituições e a autonomia sobre a formação desse elemento já se fez componente definidor dos movimentos sociais desde a modernidade. Foram se definindo, com o aproximar-se do atual século, múltiplas lógicas de crescimento, desenvolvimento e expansão das sociedades, tornando-as cada vez mais heterogêneas.

Segundo Néstor García-Canclini (2015, p. 28),

Nesta linha, concebemos a pós-modernidade não como uma etapa ou tendência que substituiria o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se. A relativização pós-moderna de todo o fundamentalismo ou evolucionismo facilita revisar a separação entre o culto, o popular e o massivo, sobre a qual ainda simula assentar-se a modernidade, elaborar um pensamento mais aberto para abarcar interações e integrações entre os níveis, gêneros e formas de sensibilidade coletiva.

Desta maneira, a sala de aula que não se abre à interpenetração das multiplicidades culturais e de linguagem, que se imbricam continuamente nas relações e meios de comunicação, está fadada ao fracasso. Os multiletramentos exigem uma concepção de que se deve instrumentalizar o aluno para a compreensão dos textos que circulam socialmente, sejam eles verbais, imagéticos ou híbridos, considerando, ainda, que os gêneros que surgem cotidianamente no bojo das tecnologias de informação e comunicação possuem características que requerem novas habilidades do jovem leitor.

A escola não se priva do ensino da decodificação do texto verbal, da codificação do escrito por meio dos processos de alfabetização no universo da palavra, mas cada vez mais tende (e deve tender!) a se preocupar com os outros letramentos e as demais habilidades que ultrapassam a ideia de uso da língua como código e avançam para as teorias cognitivas e interacionistas.

As propriedades dos multiletramentos, com a multiplicidade de linguagens e canais que as constituem, revelam capacidades intrinsecamente interativas e transgressoras, visto romperem com linearidades e fronteiras preestabelecidas através de seus infinitos caminhos em forma de redes de hipertextos que configuram modos de ralações colaborativas e de estarem “afixadas” contraditoriamente nas “nuvens” à moda da fluidez contemporânea.

Estes preceitos confrontam, segundo Lemke (2010[1998]), o “paradigma de aprendizagem curricular”, com o “paradigma da aprendizagem interativa”, não cabendo apenas uma revisão das atitudes dos professores, mas uma mudança sistêmica, em busca de uma instituição de ensino revista para os padrões de seu tempo e as necessidades de seu público.

A escola, a serviço das alfabetizações iria cuidar em fazer com que os alunos, cada vez mais, criassem e apreendessem sentidos naquilo que produzem e leem. O mencionado manifesto do grupo de Nova Londres propôs movimentos metodológicos que tinham como finalidade atender a essa demanda: prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico e prática transformada. Segundo ROJO (2012, p. 16),

Neste caso, prática situada tem um significado particular bem específico que remete a uma abordagem inicial, no projeto didático, de imersão em práticas que fazem parte das culturas do alunado e nos gêneros e designs disponíveis para essas práticas, colocando-as em relação com outras, de outros espaços culturais (públicos, de trabalho, de outras esferas e contextos). Sobre essas se exerce a

então uma instrução aberta, ou seja, uma análise sistemática e consistente dessas práticas vivenciadas e desses gêneros e designs familiares ao alunado e de seus processos de produção e recepção. Nesse momento é que se dá a introdução do que chamamos critérios de análise crítica, ou seja, de uma metalinguagem e dos conceitos requeridos pela tarefa analítica e crítica dos diferentes modos de significação e das diferentes “coleções culturais” e seus valores.

Conclui-se que, apesar dos movimentos conservadores que se têm delineado no Brasil, a educação ainda anda na mão da história, buscando configurações que atendam a propostas como as já apresentadas pelos pesquisadores de Nova Londres, contanto que os desafios ainda sejam inúmeros, tanto no sentido estrutural quanto de formação dos educadores.

De acordo com Ezequiel Theodoro Silva (2008, p. 16),

No mundo virtual, a comunicação falada, escrita e/ou lida é horizontal, livre e democrática: talvez resida nisso a possibilidade que, pelas práticas de leitura – aqui tomada como uma atividade estruturante do pensamento – poderão, de agora em diante, viver mais intensamente a criatividade e a liberdade.

Nesta procura, estudos, como este que aqui se apresenta, levantam a hipótese de realizar o ensino da leitura por meio das novas tecnologias, acionando os multiletramentos e metodologias ativas, para que a interação do aluno com a literatura se torne cada vez mais possível e profícua, tornando o processo de recepção do texto literário prazeroso e múltiplo em significações para as crianças do século XXI.

Referências

- ALMEIDA, M. E. B. *Curriculum e narrativas digitais em tempos de ubiquidade: criação e integração entre contextos de aprendizagem*. No prelo. 2016.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CHARTIER, R. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, v. 8 n. 21. São Paulo, May/Aug. 1994.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Ed. Aleph, 2009 [2006].
- KALANTZIS, M.; COPE B. Language education and multiliteracies. In: MAY, S.; HORNBERGER, N. H.(Org.). *Encyclopedia of Language and Education*. v. 1. NY: Springer, 2008, p. 195-211.
- MELO, R.; ROJO, R. H. R. A arquitetônica Bakhtiniana e os multiletramentos. In: NASCIMENTO, E. L.; ROJO, R. H. R. (Org.). *Gêneros de Texto/Discurso e os desafios da contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. P. 249-272.
- LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 49, n. 2. Campinas, SP: IEL/ UNICAMP, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200009. Acesso em: 01 de jul. 2019.

ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Org.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

ROJO, R. H. R. Novos multiletramentos e protótipos de ensino: por um Web-Currículo. In: Cordeiro, G. S.; Barros, E. M. D.; Gonçalves, A. V. (Org.) *Letramentos, objetos e instrumentos de ensino: Gêneros textuais, Sequências e materiais de ensino, Gestos didáticos*. Campinas, SP: Pontes Ed., 2018.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. *Multiletramentos e Currículo*. Texto de circulação restrita elaborado para a SEE-SP/CEFAI, 2014.

ROJO, R. H. R.; MELO, R. Letramentos contemporâneos e a arquitetônica bakhtiniana /Contemporary literacies and bakhtinian architectonics, a sair. *Revista DELTA - Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2018.

SANTAELLA, L.; NOTH, W. Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SANTAELLA, L.; NOTH, W. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro et al. (Coord). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2008.

Sobre a autora

Valéria Rocha Aveiro do Carmo é doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, membro do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA), com ênfase na linha de pesquisa "Leitura e arte em educação". Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, possui pós-graduação lato sensu e graduação em Letras; Pós-graduação em Gestão de Currículo e graduação em Pedagogia. É professora efetiva de Língua Portuguesa nos níveis Médio e Fundamental da Rede Estadual de São Paulo, atuando em Escola do Programa Ensino Integral. Possui vasta experiência na formação continuada dos profissionais da educação, na coordenação pedagógica e no ensino superior.

E-mail: valaveiro77@gmail.com.